

# O PÉ DO NEANDERTAL

Leonardo de Castro Farah\*

## RESUMO:

Desde a descoberta do fóssil do homem de *neandertal*, em 1856, os antropólogos do século XIX e XX discutiram sua implicação do fóssil na natureza através de trabalhos científicos, um dos grandes anatomistas do século XX, Dr. Marcelin Boule (1861-1942) criou um diagnóstico que infelizmente, sobrevive ao senso comum e leigo, de um homem “primitivo” e “selvagem”, além disso, Boule apresentou-o como um indivíduo que tinha um dedo do pé opositor, semelhante aos macacos. Atualmente, através da educação, das escavações e pesquisas paleoantropológicas vêm reescrevendo não só o comportamento e anatomia deste indivíduo, mas também o ambiente que ele vivia. Assim, observamos que as ideias modificam-se, devido às descobertas arqueológicas realizadas e ou trabalho de laboratório, nos últimos 150 anos da história da paleoantropologia. O que vamos apresentar neste texto, seriam quais ideias foram estas, que se modificaram? Por que se modificaram? E quais são os novos diagnósticos que podemos apresentar sobre este magnífico homínido, que é o mais estudado pelos paleoantropólogos.

Palavras - chave: *neandertal*, Boule e modificações

\*Professor de História do Ensino Médio e Fundamental em Nova Viçosa-BA. Graduado em História pela UNI-BH e Especialista em Educação em Sociologia pela FINON - Faculdade Noroeste de Minas Gerais.

E-mail: [lc-farah@hotmail.com](mailto:lc-farah@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO: ANOS DIFÍCEIS PARA SER UM NEANDERTAL (1856-1912)

Os neandertais foram descobertos no século XIX, em 1856, mas há referências de descobertas ocasionais em períodos, mas recentes, como em Gibraltar, em 1848, o problema, que o *neandertal* de Gibraltar só foi apresentado à academia de ciências, em 1864. Assim, o homínido em questão que foi descoberto em agosto de 1856, na Alemanha, próximo a cidade de Düsseldorf, no vale de Neander (em alemão *Neander e tal* significa *vale* em alemão), os operários cavavam a caverna em busca de calcário quando se depararam com os ossos de um ser (até hoje não se sabe se trata de um homem ou de uma mulher), pois o que acharam foi uma calota craniana (parte superior do crânio), mas não era tudo, os operários se deparam com outros ossos do esqueleto: dois fêmures, parte da pélvis, osso do braço, costelas e também parte de fósseis<sup>1</sup> do que parecia ser urso da caverna da Era do Gelo. O Neandertal 1, como foi chamado foi entregue ao professor local, Johan Karl Fuhlrott (1803-1871), que percebeu que os ossos eram antigos, pois já se encontravam fossilizados, por ficar tempo de mais na caverna (estima-se que a datação do Neandertal 1 gira em torno de 40 mil anos), além disso, reconheceu que os fósseis era um espécime diferente dos homens modernos, podendo ser até o ancestral dos europeus atuais. Esta é uma revelação fantástica, por que três anos depois, na Inglaterra vitoriana, em 1859, Charles Darwin (1809-1882) iria escrever seu famoso livro: *As origens das espécies por meio da seleção natural* e mais tarde iria escrever: *A descendência do Homem e seleção em relação ao sexo*, de 1871, afirmando que as espécies estariam conectadas por ancestrais, e que evoluíram num determinado tempo e espaço (local geográfico), através da seleção natural e sexual. Através destes dois livros, explicaria o motivo de haver fóssil de homínido neandertaliano na caverna alemã, criando uma perspectiva favorável ao espécime descoberto. Isto é o que nós esperássemos que ocorresse, mas infelizmente, os grandes anatomistas alemães, possuíam outra conclusão a cerca do homínido. O Dr. Fuhlrott enviou o fóssil para Hermann Schaaffhausen (1816-1893), médico e professor de anatomia da Universidade de Bonn, realizar uma apreciação do achado, que ficou impressionado com a fossilização, percebendo que o fóssil era antigo, assim, em 1857, apresentaram formalmente, os ossos na reunião da Sociedade de História Natural local, Schaaffhausen então publicou sua monografia do *neandertal* nos anos seguintes, sugerindo que:

“Os ossos pertenciam a um membro de uma tribo que tinham sido deslocadas pelos antepassados dos alemães modernos. A explicação se encaixam bem com a história aceita na época, que a Alemanha tinha sido habitada por uma série de tribos selvagens. No entanto, o crânio de Neanderthal era tão diferente da anatomia humana moderna que Schaaffhausen foi um passo além, afirmando que “os ossos humanos do Neanderthal exceder todo o resto naqueles peculiaridades da conformação que levam à conclusão da sua pertença a uma raça bárbara e selvagem”<sup>2</sup> (<http://www.strangescience.net/fuhlschaaf.htm> 01/02/2014-11:00).

<sup>1</sup>Fósseis: “*Todos os registros de organismos ou de atividade dos mesmos que ficaram preservados nas rochas*” (Kelnner; 1999. P 03).

<sup>2</sup> Nós realizamos tradução da citação do inglês para o português a página do website: <http://www.strangescience.net/fuhlschaaf.htm>.

Schaaffhausen é considerado como o pai fundador da paleoantropologia, seus métodos de comparação são usados até hoje pelos anatomistas, mas quando o médico alemão sugeriu que os ossos do *neandertal* deveriam pertencer a uma “raça bárbara e selvagem”, isto quer dizer que para Schaaffhausen este espécime era muito mais antigo, e diferente dos humanos atuais, mas outros médicos alemães como Rudolf Virchow (1821-1902) e o professor de anatomia patológica, August Mayer (1787-1865), por exemplo, ignoraram a geologia da caverna que foi encontrado o hominídeo, o seu processo de fossilização e também o fato dos ossos terem sido encontrados próximo aos ossos de urso das cavernas da Idade do Gelo, assim, Virchow e Mayer afirmaram, que suas diferenças anatômicas entre o Neandertal 1 e os homens modernos seriam patológicas, e não evolutivas proposto por Fuhlrott.

*“Virchow examinou cuidadosamente as perturbadoras anomalias do primeiro Homem de Neandertal, concluindo que o espécime era, com certeza, os restos de um homem que tivera raquitismo em criança – e que fora mais tarde sujeito a golpes traumáticos na cabeça, para ser finalmente, vitimado pela artrite paralisante na velhice!” (Johanson; Shreeve, 1998. P 64)*

Virchow era especialista em raquitismo, porém, o fêmur de neandertal é mais curto e mais robusto, que um fêmur de um homem moderno, como poderia ter sofrido de raquitismo? Além disso, A. Mayer argumentou que o Neandertal 1 fosse um cossaco russo que teria perseguido o exército de Napoleão em 1814, seja como for, desejando saber sobre a História do Neandertal, encontramos o motivo de Virchow e Mayer rejeitarem uma possível evolução humana, recentemente, em 2010, o Dr. Jonathan Marks, da Universidade da Carolina do Norte, escreveu um artigo intitulado: *Why were the first anthropologists creationists?* (traduzindo para o português seria: *por que os primeiros antropologistas era criacionistas?*) neste texto, Marks argumentou que Virchow era um antievolucionista, o livro: *Origem das Espécies*, não passava de uma teoria inglesa, portanto rejeitava-se:

*“Yet, in 1877, he had declared in a scientific meeting in Munich: “We cannot teach, we cannot designate it as a revelation of science, that man descends from the ape or from any other animal. We can but designate this as a problem, may it seem ever so probable, and may it lie ever so near.””<sup>3</sup> (Marks, 2010. P 222).*

Virchow não estava só, junto dele havia alguém que compartilhava desta ideia, Adolf Bastian (1826-1905), Marks afirma que ambos foram os fundadores da Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-Histórica de Berlim, Alemanha, a rejeição da teoria da evolução proposta por Darwin, causou um impacto muito grande na sociedade vitoriana e alemã, nesta época, na Alemanha começava a ser formar nacionalmente, devido o desejo de Unificação de um Estado Alemão, era necessário se desprender de ideologias de outras nações, e criar ideologias próprias nativistas, como Marks afirmara:

<sup>3</sup>Tradução: No entanto, em 1877, ele havia declarado em uma reunião científica em Munique: “Não podemos ensinar, não podemos designá-lo como uma revelação da ciência, que o homem descende do macaco ou de qualquer outro animal. Nós podemos, mas designar isso como um problema, pode parecer sempre tão provável, e podê-lo ser sempre tão perto de uma mentira”.

*“Andre Gingrich frames it in terms of political abstractions: “It seems that the reasons for the antievolutionist orientation of German anthropology, so closely connected to state and crown, were distributed among three factors: Protestant pietism tended to reject an antirealist theory of the origin of species and of humanity; Prussian nationalism displayed deep skepticism toward a new theory from rival Britain; and imperial hegemony provoked profound distrust of a theory that largely inspired Marx and Engels, the leading thinkers of the German labor movement”<sup>4</sup> (Marks, 2010. P 223).*

Mesmo que o Neandertal 1, fosse desqualificado pelos antropólogos alemães, havia alguém, que poderia dar o seu palpite sobre este espécime, essa pessoa era nada menos que Thomas Henry Huxley (1825-1895), “o buldogue de Darwin”, que argumentou que sim, o Neandertal 1 era um membro extinto da linhagem humana.

*“Dentre as coleções de crânios humanos, Huxley foi capaz de selecionar uma série de feições que conduziam “por graduações insensíveis”, de um espécime moderno padrão ao crânio de neandertal. Em outras palavras, este não era qualitativamente diverso do Homo sapiens atual” (Johanson; Shreeve, 1998. p 65).*

Resumindo, o Neandertal 1 era antigo, segundo não poderia fazer parte do *Homo sapiens* pois seus ossos eram diferentes (mais robustos e arqueados), o mais impressionando era “totalmente humano”, por conta da conclusão de Huxley, William King (1809-1866), geólogo irlandês, sugeriu em 1864, que o Neandertal 1 e aquele que foi descoberto em Gibraltar, em 1848, fossem chamados pela seguinte nomenclatura: *Homo neanderthalensis* ou *Homem de Neandertal*, sendo completamente separada da espécie *Homo sapiens*.

Entre: 1856-1886, mesmo tendo uma nova nomenclatura, e poucos fósseis a se basear, isso parece ter empolgado uma nova geração de estudantes e pensadores, inclusive na Alemanha antievolucionista, Ernst Haeckel (1834-1919), este naturalista foi o grande divulgador de Darwin, na Alemanha e considerou desde o início, que o *neandertal* era um antepassado dos europeus modernos. Mas foi em 1886, quer Virchow e Bastian começaram a perceber que seu estudo sobre o *neandertal* colocava em xeque suas teorias. Foi na Bélgica, que na Caverna de Spy (se fala *spee*), próximo a Namur, foi escavada, primeiramente, por Alfred Rucquoy, em 1879, mas foi em 1886, que ali Maximin Lohest, Julien Fraipont (professor de antropologia da Universidade de Liege) e Marcel de Puydt, descobriram esqueletos completos de uma mulher e de um homem *neandertais*, (Rougier et al, 2004. P 181-182). Desta forma, Fraipont escreveu sua monografia de estudo em 1887, nela concluiu que os neandertais não andavam de maneira ereta com nós, mas sim, agachados (Toussaint, 1992. P 36).

<sup>4</sup>Tradução: Andre Gingrich enquadrá-lo em termos de abstrações políticas: “Parece que as razões para a orientação antievolucionista da antropologia alemã, tão intimamente ligado ao estado e coroa, foram distribuídos entre três fatores: o pietismo protestante tendiam a rejeitar uma teoria antirealista da origem das espécies e da humanidade; nacionalismo prussiano exibido profundo ceticismo em direção a uma nova teoria do rival, a Grã-Bretanha, e a hegemonia imperial que provocou uma profunda desconfiança de uma teoria que, em grande parte inspirada por Marx e Engels, o líder pensadores do movimento trabalhista alemão.

*“J. Fraipont who in 1886, in first report, considered that they must have walked “with the knees advanced, the thigh obliquely incurvated from back to front and from above to below, whereas the leg was inversely directed; meaning that femur rested obliquely on the tibia””<sup>5</sup> (Toussaint, 1992. P 36)*

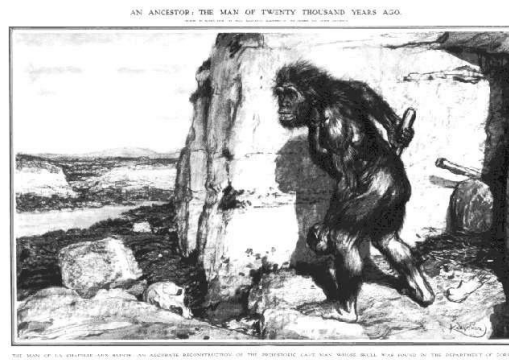
A Pesquisa arqueológica realizada, em 1886 foi muito bem documentada e organizada, não deixando dúvida em relação à antiguidade dos esqueletos descobertos, na caverna (Rougier et all, 2004. P 182). A descoberta de Spy 1 e Spy 2 sepultaram a controvérsia de que os *neandertais* eram um problema do raquitismo proposto por Virchow e Mayer, mas o problema de sua considerada “inferioridade” ainda estava por vir, em 1908, dois padres franceses ligados a Igreja Católica, Abbes Jean e Amedee Bouyssonie, descobriram na Caverna de La Chapelle-aux-Saints (A Capela dos Santos), na França, restos de um “Velho” *neandertal*, sendo entregue a Marcelin Boule (1861-1942), paleontólogo francês, que analisou os restos mortais do fóssil, e concluiu sua pesquisa em 1912 e em 1920 Boule publicou seu livro: *Homens Fósseis (Les Hommes Fossiles)*. Um ano mais tarde, após a descoberto do “Velho” de La Chapelle, em 1909, foi descoberto um fóssil de *neandertal* adulto em La Ferrassie, em Dordogne, França, o fóssil era de um homem (datado entre: 70-50 mil anos), descobertos por Louis Capitan e Denis Peyrony. Desde 1886, em Spy que não havia fóssil completo de um *neandertal*, ou seja, demorou muito tempo para se ter uma idéia mais ampla a cerca deste homínido. Por exemplo, a postura do andar do neandertal mudou de agachada proposta de J. Fraipont, para semi-ereta, mas Boule considerou que Schaaffhausen, tinha razão em chamar aquele indivíduo de “selvagem”, sem o dom fala, Charles Loring Brace, paleoantropólogo da Universidade de Michigan nos anos 60, considerou que quando Boule observou os ossos da coluna vertebral, diagnosticou que seu andar era curvado e sem elegância. Boule foi o responsável por criar um personagem devido o seu provável comportamento, sugerindo que era um fracasso evolutivo, considerando-o “primitivo”, “inferior” e “simiesco” (Brace, 1979). Mas isto não é tudo, Boule analisou os ossos do pé dos neandertais descoberto em La Ferrassie, e sugeriu que:

*“These remains are of exceptional interest, the foot being one of the most distinctive characteristics of genus Homo. The tarsal bones are particularly instructive their characters and variations depend on physiological conditions relatively easy to determine”<sup>6</sup> (Boule, 1957. P 238).*

Brace afirmou que Boule (em sua monografia de 1912) considerava o *neandertal* era como “intermediário” entre os símios e o homem moderno, além disso, considerou que *neandertais* não poderiam andar de forma ereta, (o “Velho” de La Chapelle não possuía fósseis de seus pés), afirmando que seu pé teria as mesmas características que dos símios modernos (Brace, 1979. P 33).

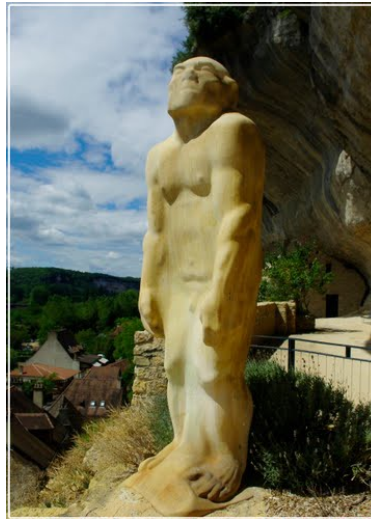
<sup>5</sup>Tradução: J. Fraipont foi quem em 1886, fez o primeiro texto que considerando como que eles teriam andado “com os joelhos avançado, a coxa obliquamente incurvada de trás para frente e de cima para baixo, considerando que a perna estava inversamente dirigida, o que significa que fêmur sobre a tíbia obliquamente descansada”.

<sup>6</sup>Tradução: Estes restos são de interesse excepcional, o pé sendo uma das mais características distintivas do gênero Homo. Os ossos do tarso são particularmente instrutivo seus caracteres e variações fisiológicas dependem das condições determinadas relativamente fácil determinar.



Neandertal com aparência de símio, desenhado por Frantisek Kupka em 1909 tendo como sugestão os trabalhos elaborados por Marcelin Boule (1861-1942).

Fonte: <http://www.talkorigins.org/faqs/homs/savage.html>



O Homem primitivo estátua criada por Paul Dardé (1888-1963), em 1931, no Museu Nacional de Pré-História em Eyzeis, Dordogne, França, neste caso o neandertal possui uma postura semi-ereta e o dedo do pé opositor sugerido por Marcelin Boule (1861-1942).

Fonte: [http://www.cartesfrance.fr/carte-france-ville/photos\\_24172\\_Les%20Eyzies-de-Tayac-Sireuil.html](http://www.cartesfrance.fr/carte-france-ville/photos_24172_Les%20Eyzies-de-Tayac-Sireuil.html)



Aparência do neandertal nos anos 30 réplicas do Museu Americano de História Natural a postura do neandertal é semi-ereta encurvado por sugestão de Boule.

Fonte: [http://anthro.palomar.edu/homo2/mod\\_homo\\_2.htm](http://anthro.palomar.edu/homo2/mod_homo_2.htm)

### **É NECESSÁRIO UM TOQUE FEMININO PARA MUDAR AS COISAS (1912-1983):**

Mesmo com a descoberta de Spy em 1886, Boule ignorou a postura dos ossos dos pés do *neandertal*, desenhando um quadro de um *neandertal* “semi-idiota” (Brace, 1979. P 34), que somente através da educação, possa ser extirpado. Infelizmente, usamos de seu nome para falar mal e ou ofender alguém. Se chamarmos alguém na rua de *neandertal*, vai saber que estaria se referindo ao homem das cavernas, seria o mesmo de falarmos “estúpido”. Será que Boule estava correto na sua argumentação? Será mesmo que os *neandertais* eram “brutais”, “selvagens” e “inferiores”?

É necessário por a prova qualquer hipótese que seja seria necessário obter resultados nos sítios arqueológicos, desta forma, nos anos 30, a arqueóloga inglesa iria mexer com esta suposição proposta por Boule, o seu nome é lembrado até hoje com reverências, por suas escavações em Gibraltar e Palestina (atual, Israel), Dorothy Garrod, (1892-1968) da Universidade de Cambridge e Dorothea Bate (1878-1951) uma arqueozoologista inglesa que estiveram na Palestina, numa expedição realizada nos anos 30, em Monte Carmelo ao sul de Haifa. Ali há diversas cavernas que foram escavadas entre 1929-1934, por Garrod e sua equipe, tais como: El-Wad, Tabun, Skull, Kebara, o que Garrod descobriu foi uma espécie de sepultamento *neandertal* (Price, 2009. P 138), foram encontrados ossos de *neandertais*, que pareciam estar dormindo, com as pernas dobradas, era impressionante, sendo colocados desta maneira, na caverna de Kebara (1930) e Skhul (1932), descobriu-se sepulturas.

Com um golpe de gênio, Garrod e Bate criaram uma cronologia para compreender o período de tempo, que estava sendo escavada a região das cavernas de Monte Carmelo, assim, Garrod preferiu usar mudanças tipológicas mais convenientes, como dados bioestratigráficos, ao invés de utilizar de mudanças de ferramentas (de *musteriano* – usado por *neandertais*, esta forma tipológica de cronologia era utilizada na arqueologia francesa) (Price, 2009. P 137). A contribuição de Garrod foi fantástica, por que nas cavernas do Monte Carmelo escavadas por ela, existe uma conexão entre os *neandertais* e nossa espécie, atualmente, sabemos através de modernas datações, que as duas espécies de humanos conviveram (ao que parece, pacificamente), entre si. Em 1991, através de datação absoluta, que os fósseis da caverna de Tabun (*neandertal*) eram contemporâneos com os humanos modernos das cavernas de Skhul e Qafzeh (que são cavernas muito próximas uma das outras). Garrod havia chegado a esta conclusão muito anos antes, através de sua forma de datação relativa a bioestratigráfica.

O fato de haver sepulturas *neandertais*, fora da Europa seria fantástico, aos poucos a tese de Boule sobre o *neandertal* “primitivo” foi posta em xeque, pois como é que um povo tido como “primitivo” poderia enterrar seus mortos, prestando as últimas homenagens? Por esta razão, nas décadas de 50, 60 e 70, novos achados de neandertalianos foram trazidos à tona e comparadas com os fósseis de La Chapelle, e a conclusão sugerida por Boule que o *neandertal* tinha uma postura semi-ereta, foi por que esse fóssil em questão, possuía sintomas de artrite crônica e por isto, não conseguia caminhar eretamente, além disso, em 1975, Erik Trinkaus da Universidade de Washington, reexaminou o pé do *neandertal* e concluiu que poderia andar ereto perfeitamente. Aos poucos, com muita pesquisa, escavações e educação, foi modificando a forma que pensamos do *neandertal*.

Segundo a resenha escrita pelo Dr. Walter Neves, para a Revista de Antropologia da USP (Universidade de São Paulo), argumentou que foi encontrado até 2009, 35 sepultamentos *neandertais*, (Neves, Revista de Antropologia, USP, 2011, V. 54 Nº 1. P 505) o mais impressionante sepultamento foi descoberto na década de 50, pelo paleoantropólogo, Ralph S. Solecki que pesquisou a caverna de Shanidar, no norte do Iraque, e descobriu para sua surpresa, o sepultamento de um idoso *neandertal*, com uma idade entre 50 a 55 anos (a expectativa de vida dos neandertais varia entre: 30-40 anos), vivendo na região por volta de 60.000 anos atrás. Richard Leakey, ao avaliar esta descoberta, sugere que: “*em tudo isto, uma relíquia desperta um sentimento particular de humanidade*” (Leakey; Lewin, 1980. P 125). O indivíduo idoso havia sido enterrado de modo que havia diversas flores posto abaixo de seu corpo e colocadas ali de maneira intencional, ou seja, os membros da comunidade *neandertal* de Shanidar havia estado de luto, quando o sujeito faleceu.

*“É como se a família, os amigos do homem morto, e talvez os membros da sua tribo tivessem ido aos campos e trazido ramalhetes de mil-folhas, escovinhas, cardo-de-são-barnabé, tasneirinhas, jacintos, rabos-cavalo-de-pau e um tipo de malva”* (Leakey; Lewin. 1980. P 125).

Leitor lembra-se que o *neandertal* de La Chapelle foi diagnosticado com artrite? Pois bem, dificilmente poderia andar normalmente, assim, era necessário que alguém cuidasse dele, o mesmo sentimento, podemos perceber no *neandertal* de Shanidar. Este em particular foi enterrado com honras e luto, foi necessário que alguém cuidasse dele enquanto estava vivo, pois o seu crânio parecia ter levado uma pancada, que provavelmente teria o deixado cego do olho esquerdo; seu braço foi amputado e seus membros revelaram diversas fraturas. Então como estes indivíduos poderiam viver tanto tempo, ultrapassando a expectativa de vida? A resposta para isto seria: altruísmo, amor, amizade e respeito. Aos poucos, os dados arqueológicos, vão nos dizendo que poderia ter existido uma fagulha de humanidade entre os *neandertais*, que aos poucos os pesquisadores começaram a por a prova as ideias de Boule.

Mas será que Boule foi o vilão nesta *história*? A formação intelectual de Boule remonta o século XIX, nesta época, estava acontecendo na Europa à divulgação das ideias darwinistas no continente, e também estava surgindo uma ideia social para a evolução: o *Darwinismo Social*, criado por Hebert Spencer (1820-1903), que por sua vez, essa tese ajudou a fortalecer a imagem de “superiores” dos europeus (nesse tempo, a Inglaterra, a Alemanha e a França, tornaram-se potências imperialistas conquistando a Ásia e a África). A tese de Spencer explicou que havia uma “superioridade” européia, em relação aos outros povos do mundo, quando Boule considerou que o *neandertal* fosse tratado com um ser “inferior” (Brace, 1979) seria por que considerava os europeus modernos como “superiores”, não acreditando que seria seu ancestral direto, este tipo de classificação foi observado, quando se busca explicar uma “superioridade” em relação ao outro, ao diferente, assim, classificando-se como “primitivo”. Isso parece meio racista, mas era a opinião da maioria dos cientistas daquele período. Para Loring Brace sugeriu que Boule era adepto do pensamento catastrófico de Cuvier, “*não ensinou num meio acadêmico onde não se aceitava a abordagem darwinista da evolução*” (Brace, 1979: 35-36). Para Boule, segundo Brace, ainda havia uma espécie de rejeição evolucionista, por isto, havia uma rejeição enquanto o *neandertal* fosse um antepassado dos europeus modernos (Brace, 1979).





Estátua do neandertal pensativo em Veringenstadt no sul da Alemanha, construída nos anos 60. repare no pé do neandertal, não há mais o dedo opositor como ocorre nos macacos.  
 Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Veringenstadt\\_Denkmal\\_Neandertaler.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Veringenstadt_Denkmal_Neandertaler.jpg)

### **AGITANDO TUDO (1983-2013):**

Muitos antropólogos nos anos 70 e 80, afirmavam que o *neandertal* não poderia falar como nós fazemos, mas esta tese foi abandonada, quando em 1983 foi descoberto em Kebara, Israel, parte superior do esqueleto de um *neandertal* adulto, que possuíam um ossinho igual ao nosso, que era o osso hióide, segundo a Dra. Lynne Schepartz da Universidade de Witwatersrand, na África do Sul, ao estudar sua funcionalidade, provou-se que os *neandertais* poderiam ter tido uma linguagem própria, uma comunicação sofisticada (Schepartz et al, 1990. P 138-145), portanto, estamos falando de um humano, que não era anatomicamente como nós (seus ossos eram mais robustos), que falavam entre si, enterravam seus mortos, tinha sentimentos de dor e luto como nós temos, mas será que eles pensavam como nós?

Quando escrevemos nosso livro: *Acaso Humano*, no capítulo que se tratava do *neandertal* adotamos uma postura conservadora no tocante aos seus instrumentos líticos que foram taxados por nós, como “repetitivos” (devido à leitura de textos, como de Richard Klein e documentários exibidos pela Discovery Channel: *O Mundo do Neandertal*, produzido em 2001, que pode ser visto na internet no [www.youtube.com: http://www.youtube.com/watch?v=zWTMMxb2fil](http://www.youtube.com/watch?v=zWTMMxb2fil)), tanto os textos lidos, como os documentários passaram uma imagem de um *neandertal* ao ter a posse de um objeto simbólico produzido pelo homem moderno, este não compreendia o valor dos ornamentos, por esta razão, que sugerimos que seus instrumentos fossem “repetitivos”. Este seria o real motivo de escrevermos este artigo, pois nosso ponto de vista mudou graças à pesquisa séria e muito bem documentada e organizada, pelo Dr. João Zilhão, da Universidade de Barcelona, Espanha e seus colaboradores; procuramos assim, nos afastar das sugestões de Klein e adotar uma postura, *soft* no que se refere o pensamento dos *neandertais* (Zilhão, et al, 2010).

A primeira prova de complexidade *neandertal* foi à descoberta na Eslovênia, em 1995, de uma suposta flauta, encontrada por Ivan Turk, e seus colaboradores. Essa antiga flauta feita de osso de urso, com a idade de 40 mil anos, no sítio de Divje, dividiu a comunidade científica. Muitos antropólogos argumentam que a flauta poderia ser na verdade feita por um predador que teria mordido o objeto deixando as perfurações, desqualificando o achado. O que vemos no caso da flauta, não dá para saber se foi feita intencionalmente ou não, mas se foi feita intencionalmente, por quem? *Talvez* tivesse sido feita por um *neandertal*. Esse é o motivo da polêmica que ainda não foi sepultada, Ivan Turk, argumenta que os *neandertais* teriam feito o objeto, assim, seria uma prova de criatividade por parte destes hominídeos, mas Richard Klein sugere:

*“Em 1995 a equipe de Turk escavou uma nova fogueira mousteriense e por perto encontrou o que acreditavam ser uma flauta feita de um pedaço de fêmur de um jovem urso. O exemplar tinha aproximadamente 11 cm de comprimento e quatro buracos circulares uniformemente espaçados na superfície. Dois buracos estavam perfeitos, e os outros dois estavam apenas parcialmente preservados nas pontas do osso”* (Klein, 2002. P 162)

Klein afirmou que não foi encontrada nenhuma marca de ferramenta feita de pedra, e a caverna poderia ter sido habitada por animais ao invés de humanos, devido à grande quantidade de ossos de ursos, assim, para Klein não restam dúvidas que as perfurações poderiam ter sido feitas “acidentalmente” por algum animal (Klein, 2002. P 163). Recentemente, um filme sobre o comportamento *neandertal* foi realizado em 2010, chamado: *Ao, le dernier Néandertal*, em português seria: *Ao, O Último Neandertal*. Esse filme em particular mostra que o protagonista *neandertal*, *Ao* interpretado por Ilian Ivanov, tocando o que seria uma flauta, que foi encontrada, junto ao cadáver de um humano moderno, além do diretor mostrar a sofisticação das relações sociais entre os *neandertais* e sua relação com o ambiente. O diretor do filme ([Jacques Malaterre](#)) não queria entrar na polêmica da flauta, por isto sugeriu que houvesse um encontro de culturas, isto quer dizer, que não foram os *neandertais* que fizeram a flauta, mas eles sabiam como manuseá-la.

Estamos levantando a polêmica da flauta, por que entre os anos: 2000-2013 há inúmeros dados que poderia comprovar evidências de uma complexidade cultural dos *neandertais*. Essas descobertas de algum modo estariam mexendo com os pilares daquilo que supomos saber sobre este povo, como por exemplo: foram encontradas em 2012 perto de Málaga, Espanha, pinturas rupestres na caverna de Nerja, datadas entre: 42-43 mil anos, para Paul Pettitt da Universidade de Sheffield, Inglaterra, propõe que essas pinturas teriam sido realizadas por *neandertais*, pois nessa época, o *Homo sapiens* não deveria ter chegado ao sul da Espanha<sup>7</sup>, mas esta evidência não é tudo, entre: 2006-2008 escavações realizadas também no sul da Espanha, por Dr. João Zilhão e seus colaboradores, sugere que os *neandertais* tiveram um elevado grau de simbolismo e criatividade, essas evidências são seguramente confiáveis. As cavernas pesquisadas são: em Cueva de los Aviones (no litoral) e Cueva Antón (no interior), ambos localizam-se na região de Murcia, ao sul da Espanha. Ali a equipe do Dr. Zilhão descobriu uma quantidade conchas marinhas perfuradas e uma delas estava pigmentada.

<sup>7</sup>(<http://www.newscientist.com/article/dn21458-first-neanderthal-cave-paintings-discovered-in-spain.html#.UvfB-s6VuIw> 09/02/2014-15:00)

Estas conchas foram datadas entre 48.000 a 50.000, nesta época, o *Homo sapiens* não havia chegado à Espanha. Portanto, era um trabalho realizado por *neandertais*. Mas há uma ressalva, o Dr. Zilhão e seus colaboradores sugerem no tocante as conchas perfuradas considerando-as como sendo feitas naturalmente (Zilhão et al, 2010. P 55):

*“We conclude that all the Upper Paleolithic perforated bivalves from Parpalló that have been classified as ornamental shells correspond to naturally perforated, beach-stranded material. Deliberate collection of such material by the cave’s inhabitants is independently”*<sup>8</sup> (Zilhão et al, 2009. P 55).

No que se refere às conchas com pigmentações, que nos dá uma ideia de pensamento simbólico, acredita-se que teriam sido feitas intencionalmente, em uma entrevista para Scientific American, o Dr. Zilhão, sugere:

*“Antes de entrar na Europa o homem moderno não perfurava nem entalhava os dentes de mamíferos como encontramos em Châtelperronian, tampouco perfura conchas bivalves como encontrados na Espanha. Mas, assim que chegou na Europa, isso passou a acontecer. De onde o homem moderno obteve esses ornamentos? Se tivéssemos falando dos povos da Idade do Cobre, concluiríamos que os imigrantes os obtiveram dos habitantes locais. Por que deveríamos ter uma lógica diferente para os objetos neandertais?”* (Scientific American Brasil. Edição Especial Antropologia 2. Ed 53. Junho-julho de 2013. P 19).

O que o Dr. Zilhão sugere seria impensável a quase vinte (20) anos atrás, por exemplo, em 1995, quando foi descoberta a flauta, na Eslovênia. Isto por que grande parte dos antropólogos pensava (ou ainda pensam) que os *neandertais* copiavam os objetos simbólicos feitos pelos homens modernos, sem ao menos compreendê-los. Mesmo havendo convívio entre os modernos e os *neandertais* (nas cavernas de Monte Carmelo, Israel), descobertas feitas por Garrod sugerem que ambos hominídeos fabricavam as mesmas ferramentas musterianas. Na Europa as ferramentas Châtelperronianas, teriam sido feitas por *neandertais*, mas era improvável sugerir que os *neandertais* teriam influenciado os modernos a fazerem estes tipos de ferramentas. O contato diferentes povos teriam estimulado uma mudança de comportamento, que para Zilhão, (com base nos achados do sul da Espanha), os *neandertais* poderiam ter influenciado uma nova forma de pensar anterior a chegada do homem moderno, na Europa. Os resultados das escavações feitas nas cavernas do sul da Espanha foram publicados por Dr. Zilhão e seus colaboradores, na revista da PNAS (Proceedings of the National Academy of Sciences) em 2010, não restando dúvidas, que se refere ao comportamento simbólico dos *neandertais*, vemos que o trabalho, a dedicação, o estudo, afasta a imagem de um neandertal “inferior” proposto por Boule, não é mais cabível em pleno século XXI.

<sup>8</sup>Tradução: Conclui-se que todos as conchas bivalves perfuradas do Paleolítico Superior de Parpalló que foram classificados como conchas ornamentais correspondem, material encalhado-praia que foi perfurado naturalmente. A coleta deliberada desse material feita pelos habitantes da caverna é corroborado de forma independente.

*“In this context, the presence of body ornaments (namely, pierced and grooved animal teeth) in Neandertal-associated archeological cultures (such as the Châtelperronian of France) has been variously explained by stratigraphic mixing, acculturation, “imitation without understanding,” or independent Neandertal innovation (8–14). As this evidence comes from near the time of contact with modern humans in Europe, unresolved issues of dating and taphonomy impacting the broader paleoanthropological problem explain the persistence of the debate (15–18). Here, we report secure evidence that, approximately 50 ka cal B.P., 10 millennia before modern humans are first recorded in Europe, the behavior of Neandertals was symbolically organized and continued to be so until the very end of their evolutionary trajectory”<sup>9</sup> (Zilhão et al, 2010. P 1023).*

O que o Dr. Zilhão suspeitava (descobertas de esqueletos *neandertais* junto de cultura chatelperroniana, que possuía uma tradição comportamental elevada, assim, muitos antropólogos, desqualificaram a ideia de que os *neandertais* pudessem fazer tais ornamentos e se fizesse “não os compreendiam seu simbolismo”). As conchas pigmentadas, datadas de 50 mil anos, demonstra o alto grau de sofisticação entre os *neandertais*, tornando-se, portanto, um fato que aumenta o debate sobre o comportamento simbólico destes homínídeos (longe se serem “repetitivos” como foi afirmado por nós). O debate sobre a possibilidade dos *neandertais* ter desenvolvido um comportamento tido como moderno estaria longe do fim, talvez nos próximo vinte (20) anos no futuro, ocorram mais dados seguros tanto quanto foi demonstrado pelo Dr. Zilhão e seus colaboradores. Obviamente talvez o crítico deste trabalho seja Richard Klein, que segundo a resenha publicada pelo Dr. Walter Neves da USP (Universidade Federal de São Paulo), propõem que Klein:

*“Até onde se sabe os neandertais nunca utilizaram osso como matéria prima para a fabricação de utensílios e/ou ferramentas. Os poucos exemplos, de acordo com o autor, podem ser explicados como intrusões de níveis estratigráficos sobrejacentes ou como produtos de fatores naturais, como polimento por abrasão com pedras e/ou água. Klein também não gosta da ideia de que os neandertais, assim como seus contemporâneos (leia-se “quase-modernos”), fabricavam e usavam adornos pessoais feitos de osso, chifre ou conchas” (NEVES, 2011. P 504).*

Mas não restam dúvidas da possibilidade de que os *neandertais* pudessem ter fugido de algum tipo de comportamento, “longe do padrão pré-estabelecido”, para os críticos do Dr. Zilhão, nos resta citar a frase de Carleton S. Coon (1904-1981) autor do livro: *A História do Homem*, que afirmou: “a terra guarda muitas surpresas...” (Coon, 1960. P 52).

<sup>9</sup>Tradução: Neste contexto, a presença de ornamentos corporais (isto é, dentes de animais perfurados e ranhuras) em associação com arqueologia cultural Neandertal (tais como o chatelperroniana da França) foi por diversas vezes explicado pela mistura estratigráfica, aculturação, “Imitação sem entendimento”, ou uma independente inovação Neandertal (8-14). Como esta evidência vem de perto do tempo de contato com os seres humanos modernos na Europa, questões não resolvidas e de tafonomia impactando a paleoantropologia mais ampla problemática para explicar a persistência desse debate (15-18). Aqui, nós relatamos evidência segura de que, aproximadamente 50 mil anos, 10 milênios antes que os humanos modernos são



No século XXI a recente estátua do Neandertal em frente ao Museu de Mettmann, na Alemanha, com uma postura totalmente ereta, com pele clara e com cabelos cortados, este modelo não apresenta adornos simbólicos sugeridos por Zilhão e sua equipe.

Fonte: <http://www.neanderthal.de/en/index.html>

## **CONCLUSÃO:**

Vimos que na história do *neandertal*, teve um início conturbado, polêmico e assustador, mesmo com Boule em 1912, rotulando este hominídeo como um ser “inferior” e tachado por nós de “repetitivos” ou de um neandertal que “não entendia o simbolismo de determinados objetos”, notou-se que essas supostas afirmações poderiam estar equivocadas, isso graças às pesquisas, estudo, educação e compromisso sério de uma nova geração de paleoantropólogos (Erik Trinkaus, Ivan Turk, João Zilhão e Schepartz), que com muito trabalho conseguiram reverter à imagem distorcida que Boule criara. Atualmente, os paleoantropólogos conhecem mais o *neandertal* do que qualquer outro hominídeo, sendo o mais estudado. No novo milênio ainda há muitas lacunas e um tenso debate a seguir sobre seu comportamento simbólico (que para nós ficou muito bem claro e evidente de ter existido, tal comportamento).

registrados pela primeira vez na Europa, o comportamento dos neandertais foi organizado simbolicamente e continuou a sê-lo até o fim de sua trajetória evolutiva.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 – BRACE, Charles Loring. **Os Estágios da Evolução Humana**. In. **O Catastrofismo dos Homínidas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P 32-37.
- 2 – BOULE, M e VALLOIS, H. **Fossil Men**. In **Neandertal Man**. New York: Dryden press, 1957. P 193-255.
- 3 – FARAH, Leonardo de Castro. **Acaso H**
- 4 – JOHANSON, D e SHREEVE, J. **O filho de Lucy**. In **Antiguidade do Homem**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998. P 60-66.
- 5 – KLEIN, Richard. **O despertar da cultura**. In **Os Neandertais em situação vulnerável**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P 141-179.
- 6 – LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- 7 – LEAKEY, Richard & LEWIN, Roger. **Origens**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

### VIIDEOGRAFIA:

- 1 – Discovery Channel: **The Human Journey: a tale of the two species**. Series producer: Andrew Waterworth. Director: Roger Scholes. Editor: C. Cerani. Produced with the association of the Australian Broadcasting Corporation produced by Beyond Production for Learning Channel. VHS. 1999.
- 2 – Discovery Channel: **The last Neanderthal?** Director: Lawrence Simanowitz. Editor: Sabrina Burnard. Producer: William Woodllard. An Inca Production for Channel Four in association with Discovery communications Inc. VHS. 1996.
- 3 – Discovery Channel: **Dawn of Man-Episódio 05: êxodo**. Series Consultant: Leslie E. Aiello. Editor: John Parker. Producer director: Charlie Smith. Director: Jeff Morgam. Executive Producer: John Linch. Series Producer: BBC and Learning Channel. VHS. 2000.
- 4 – Discovery Channel: **Humanos–Quem somos nós? A Origem da mente humana**. A Cinenova Productions in Association with Discovery Channel and Doesar. Director: Christopher Rowley. Producer: Jane Armstrong. Editor: John Whitcher. Toronto, Canadá. VHS. 1999.
- 5 – Discovery Channel. **O Mundo do Neandertal**. Wall to Wall Television. Narrado por: Terry MacDonald. Cientistas Consultores: Chris Stringer (Museu de História Natural de Londres) e Paul Pettitt (Universidade de Oxford). Dirigido por: Tony Mitchell. Produzido por: Alex Graham. Editor: Mark Gravit. VHS. 2001.
- 5 – History Channel. **Do Macaco ao Homem**. An All3 Media Grup Company for History Channel. Dirigido: Nic Young. Produzido por: Lion Television. Editado por: Crispin Holland. DVD. 2005.

### INTERNET:

- [http://en.wikipedia.org/wiki/Divje\\_Babe\\_Flute](http://en.wikipedia.org/wiki/Divje_Babe_Flute) (Flauta neandertal 09/02/2014-13h20min).
- <http://en.wikipedia.org/wiki/Neanderthal> (neandertal - 09/02/2014-13h20min).

<http://www.newscientist.com/article/dn21458-first-neanderthal-cave-paintings-discovered-in-spain.html#.UvfB-s6VuIw> 09/02/2014-15h00min

#### FILMES:

**AO, THE LAST NEANDERTHAL** (2010). Adaptação do livro de Mark Klapczynski: *Ao, L'homme Ancien*. Produção francesa. Diretor: [Jacques Malaterre](#). Elenco: Ilian Ivanov (como Ao). O filme está disponível na internet, podendo ser acessado pela web: <http://www.youtube.com/watch?v=hqsU4XsBefU> (áudio em inglês e legenda romena 09/02/2014-13h20min).

**A GUERRA DO FOGO** (1981) produzido pela TV Francesa, dirigido por: Jean Jacques Annand.

**O MUNDO PERDIDO** (1925) produzido pela First National Pictures (USA), dirigido por: Harry Holt, elenco: Wallace Beery e Besie Love. O filme está disponível na internet: <https://www.youtube.com/watch?v=dIgzH6OPYQQ> (filme mudo em preto e branco, legenda em inglês 09/02/2014-13h20min).

#### ARTIGOS:

1 - ARENSBURG, B; TILLER, A. M; VANDERMEERSCH, B; DUDAY, H; SCHEPARTZ, L. A; RAK, Y (1989). **A Middle Palaeolithic human hyoid bone**. *Nature*. Vol 338. 27 de Abril de 1989. P 758-760.

2 - ARENSBURG, B; SCHEPARTZ, L.A; TILLIER, A; VANDERMEERSCH, B; RAK, Y. (1990). **A Reappraisal of the Anatomical Basis for Speech in Middle Palaeolithic Hominids**. *American Journal of Physical Anthropology*. Vol 83 P 137-146.

3 - FRAIPONT, Julien e LOHEST, Max (1887). **La Race humaine de Neanderthal ou de Canstadt en Belgique**. *Archives de biologie*, Ghent.

4 - ROUGIER, Hélène; CREVECOEUR, Isabelle; FIERS, Evelyne; HAUZEUR, Anne GERMONPRÉ, Mietje; MAUREILLE, Bruno e SEMAL, Patrick (2004). **Collections de la Grotte de Spy : (re)découvertes et inventaire anthropologique**. *Notae Praehistoricae*, 24. P 181-190.

5 - MARKS, Jonathan (2010). **Why were the first anthropologists creationists?** *Evolutionary Anthropology*, 19: 222-226.

6 - PRICE, Kathryn Margaret (2009). **One vision, one faith, one woman: Dorothy Garrod and the crystallisation of prehistory**. *Lithics* 30: Great Prehistorians: 150 Years of Palaeolithic Research, 1859–2009. P 135-155.

7 - TOUSSANT, Michel (1992). **The Role of Wallonia in the History of Paleoanthropology**. *E.R.A.U.L* 56, Liège P 27-41.

8 - ZILHÃO, João; ANGELUCCI, Diego E; BADAL-GARCÍA, Ernestina; d'ERRICO, Francesco; DANIEL, Floréal; DAYET, Laure; DOUKA, Katerina; HIGHAM, Thomas F. G; MARTÍNEZ-SÁNCHEZ, María José; MONTES-BERNÁRDEZ, Ricardo; MURCIA-MASCARÓS, Sonia; PÉREZ-SIRVENT, Carmen; ROLDÁN-GARCÍA, Clodoaldo; VANHAEREN, Marian; VILLAVARDE, Valentín, WOOD, Rachel ZAPATA, Josefina. (2010). **Symbolic Use of Marine Shells and Mineral Pigments by Iberian Neandertals**. *PNAS*, Vol 107. Nº3. 19 de janeiro de 2010. P 1023-1028.

9 - ZILHÃO, João; D'ERRICO, Francesco; BORDES, Jean-Guillaume; LENOBLE, Arnaud, TEXIER, Jean-Pierre; RIGAUD, Jean-Philippe (2006). **Analysis of Aurignacian interstratification at the Châtelperronian-type site and implications for the behavioral modernity of Neandertals**. PNAS. Vol 103. N°33. 15 de agosto de 2006. P 12643-12648.

**RESENHA:**

NEVES, Walter A. Resenha do livro de Richard Klein: **Human Carrer**. Revista de Antropologia, USP, 2011, V. 54 N° 1. P 483-514.

**REVISTA:**

Entrevista com Dr. João Zilhão. **O Homem de Neandertal pensava como nós?** Scientific American Brasil. Edição Especial Antropologia 2. Ed 53. Junho-Julho de 2013. P 16-19.